

Rabiscos

LENITA

[Coluna 1]

- O leitor, ao ler este título –
Lenita – poderá pensar que se
5 vai tratar aqui de alguma destas coisinhas feitas de sêda, car-
mim, pó de arroz e outras futi-
lidades.
Pode o leitor amigo jogar fora
10 este pensamento porque a “Leni-
ta” a que me refiro é feita de
coisa muito diferente – é feita de
talento. É um romance ou no-
vela escrita por Jorge Amado,
15 Dias da Costa e Edson Carneiro.
O primeiro, de quem tenho a
honra de ser muito amigo, é o
maior talento que já conheci. Fa-
lando sobre êle, disse-me, cer-
20 ta vez, Alves Ribeiro: “Jorge
Amado é um talento como eu
nunca vi nem nunca ouvi falar”.
Quem conhece Jorge, quem lê
o que lhe sae da pena, não acha
25 exagero nas palavras de Alves
Ribeiro. Os outros dois, Dias da
Costa e Edson Carneiro, são tam-
bem, duas grandes inteligências
que toda Bahia conhece e adi-
30 mira.
Mas não lhes quero escrever
elogios. Não vale a pena. Os ad-
jetivos estão estragados, des-
moralizados.
35 Vamos, pois, á obra. Leiamos
uma parte do 3º capítulo de “Le-
nita”, que é o primeiro da pe-
na de Jorge.
“Costa Vieira era um triste”.
40 Poeta lírico, de enorme pres-
tigio entre os intelectuaes do
pais, redator bem pago dos me-
lhores jornaes da cidade, mere-
cera de Gomes, que gastava o
45 tempo em inventar apelidos pa-
ra os literatos, o nome de *ulti-
mo romântico*. De fato, Costa Vi-

eira tinha uma alma estranha.
Impossível encontrar-se maior
50 sentimental. Aliaz, tinha razão.
Filho unico, não conhecera a
mãe, que morreu mal o dera à
luz. O pae, pobre funcionario pu-
blico, trabalhava demais e nun-
55 ca tivera tempo de querer bem
ao filho. Crecera assim, sem um
carinho. No colégio interno, on-
de fóra perseguido pelo Diretor
porque o *velho* não pagava as
60 { † } venci-
{ † } balho
{ † } Não o
{ † } a. êle
{ † } ra de
65 { † } misa-
{ † } mais
{ † } ver-
{ † } ouro
{ † } seus
70 { † } os fi-
{ † } ncia-
{ † } cipe

[Coluna 2]

Disso lhe vieram duas conse-
quencias:
A primeira, que pouco lhe em-
portou, foi ter-lhe o Gomes des-
5 carregado, por um jornaleco,
uma serie de pefidias. A outra,
e esta lhe emportara muito, fora
o amor de Ester – Alda.
O poeta esqueceu todas as ju-
10 rás de não mais amar quem quer
fosse e se entregou de corpo e
alma a esta paixão. Toda noite
dizia ao ouvido de Ester – Alda
couzas lindas que tinham o as-
15 bor de virgindade e a faziam
pensar na belêsa e no amor pla-
tonico da época do romantismo.
Êle lhe dizia da belêsa dos seus
olhos do odor maravilhoso que
20 Desp{ † } liam seus cabêlos...
Mas ela, sensual e moderna,
ela, que trazia no corpo toda a

degenerescência de uma raça pre-
quiçosa e sífilítica, não se con-
25 tentava com as frases belas de
Costa Vieira. E um dia para o
escândalo dêle e para a sua tris-
teza, lhe perguntou:
– E os meus seios? Porque vo-
30 cê não fala na belêsa dos meus
seios?
Quisera ir além, transcrever
todos capitulos, para dar ao leitor
uma Idea do que seja “Lenita”
35 e, principalmente, do que seja
o talento grande, aristocrático,
muito alto, de Jorge Amado. In-
felizmente o espaço não permite
ir adiante. É-me forçoso pingar
40 o ponto final.

LIOTA.

F. Morro Alto, 1932.

O Pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta